

Arte-fatos: tensões e(m) possibilidades entre cultura, pesquisa e educação

Em seus domínios, [...] linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...] Textos, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestavam. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz (SANTAELLA, 2007, p. 24).

Esse dossiê buscará, a partir deste cenário leve, fugidio, quase onírico, propor um arrastar a arte e(m) desestabilizações entre cultura, pesquisa e educação. Convidá-la a fissurar os controles fixadores e possibilitar emergir os lugares-sensações através de uma afecção, explorando formas de partilha que envolvem (outros) modos, implicando uma ideia de efetividade do pensamento (RANCIÈRE, 2012). Pensar/expressar a arte não como um modelo formatado de conhecimento, mas aceitar uma invasão de fluxos, potências, estremecimentos.

Arte, o oxigênio que nutre corpos. Cessando essa fonte ao corpo, este não mais aguentaria, poucos minutos seria o suficiente para jogá-lo no mar das representações. Poucos suspiros, um último fôlego. Esta é a respiração de muitos corpos que estão sendo asfixiados para seguir regras, ou mesmo não seguí-las. Quem privaria o corpo de tal manancial vital? (SILVA; BRITO, 2016).

A arte como nutrição e potência para que não sejamos formatados pelos poderes a nos censurarem os pensamentos e as sensações, expulsando palavras de ordem a pré-definir e classificar o que é passível de ser visto e admirado, em detrimento de nossas pequenas e sensíveis vivências pelos espaços e tempos que experienciamos. Pretendemos, aqui, desestabilizar o que tradicionalmente entendemos como relações entre pesquisas, escritas e educações que habitam, principalmente, os artefatos culturais presentes em lugares/espços que se pretendem de produção e divulgação de conhecimentos. Que aprendizagens ressoariam por tais percursos?

Há prendisajens com o xão (poesia)

Digo, apesar de tudo, a sós comigo: sei porque escrevo; [...] Amanheceu. O mundo é verdade. Sim, sim, é palpável. [eugène ionesco, a busca intermitente]

também:

aprendizagem é a palavra que, ela sim, ramifica e desramifica uma pessoa; ela enlaça, abraça; mastiga um alguém cuspidando-o a si mesmo, tudo para novas géneses pessoais. estas palavras são para pessoas que se autorizam constantes aprendicismos. modos. maneiras. viveres. até sangues. aprender não é repressoar-se? (ONDJAKI, 2011)

Apredicismos com e através do chão. Instante hífen: *há prendisajens com o xão*. *Viveres* a atra-versar as possibilidades por *entre*-lugares culturas, pesquisas e educações. Pretender que as tensões pelos versos extrapolem os limites de artes e fatos. Artefatos a descolonizar uma metodologia no funcionamento das pesquisas, a embaralhar educações, a verter culturas. O que (nos) move a pesquisar? Linhas de pesquisa? Linhas de escritas? Linhas em versos? Versos em folhas? Folhas em árvores? Árvores em imagens?

Figura 1 - Folhas bordadas



Nota: Fotografia de Marli Wunder com autorização da fotógrafa.

Fonte: WUNDER, Marli. **FolhasFio**. Campinas. Disponível em: <https://www.marliwunder.com.br/folhas-bordadas>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Artefatos como os apresentados no *Manual da ciência popular* (CALDAS, 2007), não apenas sentidos e entendidos como objetos “Múltiplos, fragmentados, dispersos” (VENÂNCIO FILHO, 2007, p. 74), mas procedimentos sem unidade, “nada fazem permanecer, ações puramente de passagem, sem nada deixar, vão assim no popular construindo sua ciência” (VENÂNCIO FILHO, 2007, p. 74). Sua que seria deles e não dos(as) pesquisadores(as)? Ou dos(as) artistas? Arte-fato. Fato e arte. Ciência e ficção. Arte e ciência...

Não é, assim, de se estranhar que, nos ziguezagues desse percurso, ficção, composição, experimentação, relação, criação e outros tantos termos aparentados povoem os textos. Mais do que maneirismo linguísticos, tais expressões denotam a busca por radicalizar a sensação de inacabamento perpétuo e exacerbar a impossibilidade da representação a fim de enfrentar a multiplicidade de todo e qualquer coisa que chamemos “objeto” (ou sujeito). “Objeto”, para nós, seria apenas um estado particular de transformações em fluxo e devir cujos limites são radicalmente contingentes e, além disso, definíveis de modo relacional (MACEDO; RANIERY, 2018, p. 944).

Radicalizar as contingências, intensificar linhas, cores, expressões, estudantes, professores, pesquisadores. Não procurar um trajeto narrativo de ruas, sertões, escolas, museus, bares mas forças em devires. Perambulação. Abandonar as certezas que, porventura, ainda se efetivem nessas apostas de pesquisa, escritas educações. Pretendemos explorar não só as escolhas, mas também os abandonos, cotidianos quase (in)visíveis, a (se) deslocarem. Que explicações sairiam e entrariam por essas travessias?

Exu nas escolas (Exu-ê-ê-ê, Exu-ê-ê-ê)
Estou vivendo como um mero mortal profissional
Percebendo que às vezes não dá pra ser didático
Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das crenças limitantes¹ (SOARES, 2018).

Expulsar as limitações. Convidar os(as) excluídos(as). Permitir-se invadir em exclamações... *Exu no recreio não é Xou da Xuxa. Xão?* Como pesquisas que não desejam exclusivamente significar, explicar, modelar, podem enfrentar as complexas relações éticas, estéticas e políticas da pesquisa? Experimentar um esgotamento da vivência ‘em si’ dos “objetos”, dos “pesquisadores” para apostar em uma experimentação em devir.

Composições em deriva, mutantes, encontros entre pessoas e objetos
e sensações e artes

¹ Versos de “Exu nas escolas” da autoria de Kiko Dinucci / Edgar Pererê. Álbum *Deus é mulher*, 2018. Elza Soares.

e fatos e culturas

e...

biologias...

Carlos Augusto Silva e Silva e Maria dos Remédios de Brito trazem *Quando um biólogo é inundado por outras biologias, outras educações* nos indagando: “Como a arte e a biologia se cruzam com/na natureza e que educações se compõem nesses vazamentos?”. Águas-corpos, conversas, imagens, a terra, as vidas que atravessaram moradores atingidos por uma barragem. Buscar por outras biologias, outras educações, coletando não mais dados socioambientais, mas afetos, lembranças, transformando tudo isso numa *art(e)biologia*; criação de novas memórias, novas formas de habitar o lugar que se diz desabitado.

e...

cartas (e biologias)...

Cartas e(m) biologias é a temática apresentada por Marco Antonio Leandro Barzano em *Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor-pesquisador-extensionista de Educação Ambiental*. Duas cartas compõem o artigo: “a primeira anuncia o passado, ou seja, a trajetória de formação e profissão de um pesquisador-extensionista de uma universidade pública baiana e que foi apresentada na sua promoção para professor pleno; a segunda é o registro para se lançar ao futuro, pois é uma carta escrita para uma criança de onze anos”. Narrativas (auto)biográficas, tendo a Educação Ambiental como tema central, na potência de apresentar as narrativas epistolares como instrumento da produção textual e de conhecimento.

e...

cartas (e sertões)...

E(m) *Uma carta para Guimarães Rosa: palavras e imagens e sertões*, Giovana Scareli escreve diretamente para João, “preparando algumas imagens para lhe mostrar como algumas pessoas, e eu me incluo nesse grupo, temos lido suas obras e nos inspirado nos seus sertões para criarmos nossas paisagens, nossos sertões”. “Você sabe”, continua Giovana, “que na academia e nas Pesquisas em Educação, o texto, a escrita, a palavra, sempre são protagonistas. Nas suas obras, as palavras são precisas e preciosas. As imagens nem sempre têm o mesmo *status* e o corpo, nem se fala. Pois, nessa carta, o corpo está diretamente envolvido, presente, movente, caminhante e se deixa embebedar pelas palavras e a produzir imagens”.

e...

corpos (e gêneros)...

A oficina “Corpo, Gênero e Sexualidade na Educação”, realizada pela Liga Acadêmica Multidisciplinar de Saúde do Adolescente (LAMSA - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), com professores/as de escolas públicas municipais, a convite da Prefeitura Municipal de Campo Grande é o foco de *“Gosta de flor?”: o agir e o sentir a partir de uma oficina sobre corpo, gênero e sexualidade com professoras/es em tempos de cruzada moral* de autoria de Tiago Duque e Soraya Solon. “Em tempos de cruzadas morais, devido a um movimento transnacional antigênero, a atividade permite-nos refletir a respeito da utilização de técnicas em grupo, como a de *clown*, para trabalhar com temas que têm sido vistos como ‘ameaça a infância e a família’”, nos dizem os autores, além de proporcionar uma reflexão teórico-metodológica sobre o agir e sentir em tempos de pânico morais e ameaças de criminalização do trabalho docente sobre gênero e sexualidade.

e...

ruas (e rap)...

Paula Guerra e rap e pedagogia. Diz a autora sobre o artigo: “procuramos analisar as representações sobre a cidade evidenciadas em quatro canções *rap* portuguesas através das principais temáticas abordadas cruzadas simultaneamente com questões étnicas imanentes ao capital subcultural racializado”, *Cidade, pedagogia e rap*. Paula Guerra apresenta que o rap é utilizado para reverter a situação de marginalização vivenciada por muitos jovens portugueses, criticar a sociedade que os marginaliza, e, também, como um veículo de mobilização comunitária. Neste cenário, a autora nos apresenta as virtualidades do *rap* como instrumento pedagógico; mormente, como forma de promover o pensamento crítico e a intervenção política na linha de Paulo Freire.

e...

ruas (e cenas musicais)...

No artigo *A cosmologia negra para os estudos de Comunicação e Música*, Tobias Queiroz apresenta possibilidades de ampliar a epistemologia, o campo de análise e reflexão no que se refere às pesquisas envolvendo o conceito de cena musical, incluindo elementos da cosmologia negra, não restringindo-as às epistemologias eurocentradas e norte-americanas. Para isso, teve

como ponto de partida o Valhalla Rock Bar da cidade de Mossoró-RN. “Acreditamos, assim, colaborar para uma outra perspectiva de análises dos fenômenos musicais urbanos na qual inclua a população, a cultura afro-brasileira e a educação”.

e...

crianças (e devires)...

Elenise Cristina Pires de Andrade, Vívian Carla Reis Nery e Joana Frank nos propõem: “Quais (des)afetos ao texto, às ideias, ao tempo aiônico, às imagens fotográficas um percurso espacial de um devir-criança pode fissurar nos movimentos performáticos sensíveis e(m) educação?” E, assim, abrem-se (e ao texto) à invasão de um movimento maquínico: criar devindo, junto à proposta de novos trajetos metodológicos, invenções que não apenas deem espaço para os diferentes agenciamentos, mas que os reconheçam como elementos para (des)construções do conhecimento assim como de suas expressões. Possibilidades de um criar, em que potentes invenções experimentais optam pelos entre meios de tempos a estimularem a inventividade criativa é o que atravessa o artigo *Devir criando na invenção de outras metodologias (s)em pesquisas em educação*.

e...

crianças (e recriações)...

Escutemos atentamente Paula Gomes de Oliveira: “é preciso que nos deixemos conduzir pelas crianças, em seus caminhos amplos e nas vielas espremidas de suas criações”. Com essa potência. O artigo *Palavras e imagens infantis: intercambiando linguagens e recriando o mundo com vaga-lumes* encerra o dossiê, nos apresentando que as crianças, mobilizadas pela novidade do mundo, podem, além de vivê-lo, recriá-lo, e até, subvertê-lo, a partir do contato com imagens e palavras em oficinas de escritas na escola. “Reconhecemos a potencialidade dessa experiência em sua capacidade de nos desalojar dos velhos conceitos, de nos tornar sensíveis a uma escrita nova produtora de sentido, como a vida deve ser. Criações que são como vaga-lumes, pequenas luzes de existência em meio à noite escura.”

e...

vida e vaga-lumes...

e esperança...

e equilibrista...

e Aldires...

- carimbar documentos... foi isso que matou os meus gestos redondos (ONDJAKI, 2012, p. 24).

SEM mais carimbos...

SEM mais Jaires!

Referências

CALDAS, Waltercio. **Manual da ciência popular**. São Paulo: Cosanaif, 2007.

MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago. E depois do pós-estruturalismo?: experimentações metodológicas na pesquisa em currículo e educação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 941-947, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12446/209209210255>. Acesso em: 28 abr. 2020.

ONDJAKI. **Os transparentes**. Luanda: Texto Editores, 2012.

ONDJAKI. **Há prendisajens com o xão**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, Carlos A.; BRITO, Maria R. Corpo, artes, danças e sexualidade... *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, 4.; ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2., 2016, Vitória. Vitória, ES. **Anais [...]**. Vitória, ES: NEPS, GEPSs, LEG, 2016. Disponível em: http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467387420_ARQUIVO_CarlosSilvaVitoria.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

SOARES, Elza [intérprete]. **“Exu nas escolas”**. Kiko Dinucci; Edgar Pererê [compositores]. [S. l.: s. n.], 18 maio 2018. 1 vídeo (3:43 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NmDsmHtOgyw>. Acesso em: 29 abr. 2020.

VENÂNCIO FILHO, Paulo. Leitura preparatória. *In*: CALDAS, Waltercio. **Manual da ciência popular**. São Paulo: Cosanaif, 2007.

Elenise Cristina Pires Andrade 

Marco Antonio Leandro Barzano 

Comissão Organizadora